

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Combate identitário (II)

Imagem criada pela IA Sora



Retomando o que escrevi na Luta Identitária (I), tudo é “movimento vital”, porque tudo é “phýsis”, isto é, tudo é natureza; portanto, natureza é movimento vital. O rosto é movimento e, segundo Gilles Deleuze, é político.

Pulsa uma filosofia que parte do conceito de movimento, cuja linha filosófica, traçada por Heráclito, não só atravessa como entrecruza Platão em “O sofista”; mas, embora pensem o movimento vital de forma dessemelhante, ambos não são opostos, havendo tão somente um grau de diferença entre Heráclito e Platão.

Hegel pensa o movimento segundo esta marca de Heráclito: ser e não-ser, quer dizer, existe algo externo ao ser, a oposição. Hegel não vai ao Platão dos últimos 40 anos, quando o filósofo grego, por meio de uma dialética aberta, concebe o movimento sem oposição, e sim com as graduações do mesmo.

Muita abstração? Ora, sem abstração, não se amplia a realidade concreta, fazendo com que não entendamos que a dialética de Hegel, por pensar a oposição entre ser e não-ser, por pensar a contradição no movimento, é inútil para lermos o poder que age no lugar Menor, no lugar molecular, isto é, nos detalhes do cotidiano de Amado Benigno da Silva, motorista de Getúlio

Vargas a serviço de Luís Carlos Prestes; nos detalhes do cotidiano de cabo Anselmo, o amor do DOPS a serviço da guerrilheira Soledad; nos detalhes do cotidiano de Severino Theodoro de Mello, o camarada da ditadura militar a serviço do PCB como dirigente do Comitê Central.

Se o arquiteto Ludwig Mies disse “Deus está nos detalhes”, o poder da ditadura cívico-militar também esteve, comportando-se ora como o motorista de Preste, ora como o amor de Soledad, ora como o camarada do PCB. O desmoronamento de uma casa, sabemos, começa pela imperceptível insignificância de uma infiltração na parede.

Em uma das belas passagens de “Microfísica do Poder”, Foucault escreve na página 128 que “todo detalhe é importante, pois, aos olhos de Deus, nenhuma imensidão é maior que um detalhe”. Poético: nenhuma imensidão é maior que um detalhe. Mas nós, que não somos filósofos e muito menos poetas, somos grosseiros quando nos referimos ao poder como identidade, quer dizer, como se fosse possível identificá-lo como motorista, como amante, como camarada. O poder é não identitário, tal qual o rosto do traidor, que jamais luta contra, pois o inimigo é amigo ou o não ser é o ser. Não há oposição. A dialética é não hegeliana.



Formado por artistas e educadores, o grupo Vozes! acredita na cultura como ferramenta poderosa de transformação social pelo caminho da arte

Vozes da favela ecoam no palco

Espectáculo ‘Ecos Intrusivos’, do Grupo Vozes!, ocupa o Teatro Gláucio Gill com arte provocadora e potência periférica

Com direção de João Vitor Nascimento, o espetáculo “Ecos Intrusivos”, do Grupo de Teatro VOZES!, volta aos palcos a partir desta quinta-feira (5) no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana. Criado no Complexo Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, o grupo retoma a montagem após um ano longe dos palcos, reafirmando seu compromisso com a arte feita na favela.

A trama mostra um grupo de pessoas presas em um ambiente claustrofóbico, atormentadas por vozes que desafiam suas percepções. Mais do que apresentar uma história linear, o espetáculo pro-

põe ao público uma experiência provocadora, marcada por metáforas e inquietações.

“O espetáculo é sobre como corpos que foram silenciados por muito tempo conseguem produzir escrita. É também uma afirmação de que nossas vozes e histórias têm lugar nos palcos dessa cidade”, afirma o diretor João Vitor Nascimento, nascido no Vidigal e idealizador do projeto.

A montagem tem músicas autorais e direção de movimento de Rosana Barros. O corpo é tratado como instrumento de pesquisa e criação. “É um convite para que os artistas se reconectem consigo, libertando-se de uma fisicalidade padrão e reencontrando sua

expressão mais ancestral”, explica Rosana, que também integra o grupo.

Fundado em 2019, o Vozes! oferece aulas gratuitas de teatro para jovens e adultos de sua região. Formado por artistas e educadores, o grupo acredita na cultura como ferramenta de transformação social. Sua atuação busca criar oportunidades e fortalecer vozes historicamente silenciadas, a partir de uma prática artística comprometida com a escuta, a inclusão e a afirmação da identidade periférica.

SERVIÇO

ECOS INTRUSIVOS
Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº – Copacabana)
De 5 a 27/6, às quintas e sextas (20h) | R\$ 30, R\$ 15 (meia-entrada, PCD, menor de 21 e profissionais da educação)